

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: 17
 Data: 20.08.76 Pg.: 05 (Caderno B)

OS ÍNDIOS

QUEREM ARMAS

Texto e fotos de Edilson Martins
 Enviado especial

JB 20.8.76

Posto Indígena Rio Roosevelt (RO) — Impedidos de demarcar a área dos índios suruis, na região do rio Sete de Setembro, por 2 mil posseiros armados, os 16 técnicos da firma Plantel se encaminham para esta região, de difícil acesso, onde vivem os cintas-largas. Estes são terríveis guerreiros e certamente aliados dos suruis, numa guerra cada dia mais iminente.

Os cintas-largas mataram com 17 flechadas, em 1972, o jornalista Possidônio Bastos e também o radiotelegrafista Acrísio. O corpo deste último nunca foi encontrado, e se os cintas-largas o devoraram foi no cumprimento de um ritual, para que a alma da vítima não possa fazer nenhum mal à aldeia.

No posto do rio Sete de Setembro, virtualmente cercados pelos 2 mil posseiros treinados nas lutas de invasão de terra e muitos com antecedentes criminais, 200 índios suruis estão impacientes. O sertanista Apoena Meireles está com eles, e passa dias e noites tentando uma difícil explicação de como funcionam, em Brasília, os órgãos federais que podem decidir sobre a justiça em suas terras.

Os suruis querem as armas de fogo do posto e Apoena tem que explicar que isto "complica tudo". Ensina aos índios que não comam as comidas deixadas na selva pelos posseiros, para fugir ao veneno principalmente do açúcar, que os índios não conheciam e hoje adoram. Apoena, filho do legendário Chico Meireles, nasceu em terras indígenas, recebeu o nome do grande cacique, ama os índios. Ninguém duvida sobre de que lado Apoena lutará.

MASSA CONTRA MASSA

"O episódio da invasão do território dos suruis por posseiros serve para mostrar, mais uma vez, o tipo de estratégia que está sendo usado no processo de colonização em todo o país. Posseiro e índio vivem, hoje, um impasse de vida e morte, e há uma ideologia por detrás disso."

O Padre Egydio Schwabe, da Comissão Indígena Missionária (Cimi), traduz o pensamento e a ação de religiosos como o Bispo prelado de Acre e Purus, D Moacir Grechi, para quem, no momento, "o papel da Igreja nessa região do país é se empenhar numa luta de vida e morte pela justiça, dar apoio às denúncias, sei lá, o que estiver a nosso alcance. Se houver omissão, não teremos perdão: o que se joga aqui é a sobrevivência física dessas classes e dessas culturas".

"Os posseiros estão sendo lançados contra os índios, numa tática exaustivamente conhecida, de dividir para enfraquecer" — explica o Padre Schwabe. "São marginalizados contra marginalizados, como se fossem eles o problema, e não a posse dessas terras. A massa dos índios contra a massa dos posseiros".

"Nesse processo de ocupação da Amazônia existe ainda a tática de lançar posseiros contra peões. No Alto Envira, no Acre, isto já é comum. Os peões vêm de fora, ideologicamente preparados para esmagar o posseiro. Já se formou então a "elite dos jagunços", em diferentes regiões do Acre. Eles percorrem os seringais, na perseguição aos posseiros".

SURUIS CONTRA YARA

No vale do Sete de Setembro, Apoena Meireles e seus companheiros Zé Bel e Aymoré vivem esses dias de tensão, junto aos suruis. É uma situação delicada: esperar que posseiros armados e superexcitados retardem um massacre para o qual não lhes falta nada; e convencer índios que já conhecem a violência desses homens de que vale à pena aguardar as decisões de coisas que os suruis mal compreendem, como Funai, Inca e Polícia Federal.

As terras fazem parte do Parque Nacional de Aripuanã, dirigido por Apoena Meireles. Criado por decreto presiden-

cial, o parque abrange o Território de Rondônia e uma parte do Estado do Mato Grosso. É reserva indígena, mas seus limites nunca foram demarcados. Teriam sido agora, se posseiros vindos do Sul e do Norte do Paraná (onde muitos deles já desalojaram, pela violência, milhares de pessoas de suas terras, a serviço de fazendeiros e empresas agropecuárias) não tivessem impedido o trabalho da equipe da firma Plantel, perto do rio Sete de Setembro.

Presume-se que, em todo o parque, vivam 3 mil índios: Surui, Cinta-Larga, Gavião, Arara, Cabeça Seca e outros grupos ainda não conhecidos e ao abrigo dos civilizados, nas regiões mais inacessíveis da selva. Mesmo os cintas-largas do Posto Rio Roosevelt, contactados em 1972, não são os únicos de sua tribo. Ainda existem outros dois grupos cintas-largas que até hoje não aceitaram qualquer aproximação com os sertanistas.

Além dos postos de Sete de Setembro e do rio Roosevelt, ainda há o posto de Serra Mo-

rena, uma das áreas mais bonitas da Amazônia, ocupada por índios gaviões e outros grupos, desconhecidos e ainda em estado selvagem, deste mesmo tronco linguístico.

É na aldeia dos suruis, nas margens do rio Sete de Setembro, que a ameaça de invasão se tornou mais densa. Na semana passada, os posseiros foram claros na sua disposição de não aceitar qualquer demarcação que defina o direito dos índios sobre aquelas terras: "Pra que dar tanta terra a bugre?", perguntavam na reunião com o representante da Funai.

Acabada a reunião, o início da luta adiado pela necessidade de pronunciamento dos órgãos federais, o sertanista Apoena ficou entre os suruis, a ouvi-los pedir armas: "Assim, yara (brancos) mata menos surui", argumentam os amigos de Apoena.

O conflito, se ocorrer, será desigual, pelo menos numericamente. Contra os 2 mil homens armados, os suruis têm 200 — e talvez possam, também, contar com a aliança dos cintas-largas — e sua vanta-

gem é um conhecimento inimitável dos segredos da selva.

HOMEM, CORAÇÃO E MENTE

Os suruis têm também a seu favor a lealdade de Apoena Meireles e seus companheiros do posto. Até a chegada da noite, eles ouvem Apoena explicar que as decisões dos brancos demoram, que "eles não têm a mesma harmonia dos suruis". Como é complexo o universo do civilizado os suruis custam a compreender. Perguntam três, quatro, cinco vezes sobre a mesma coisa e uma gargalhada é o que vai mostrar que chegou a compreensão.

Apoena ainda não pôde ver a primeira filha, nascida em Brasília, no início de agosto. A mãe, antropóloga Denise Meireles, mandou a notícia para Apoena, mas ele ainda terá que ficar não sabe quanto tempo entre os Surui do rio Sete de Setembro; o nome da menina será indígena. "Mas eu ainda preciso conversar com Denise sobre isso", diz o diretor do Parque Aripuanã.

Ele trabalha agora sobre uma linha extremamente sutil:

é um pacificador, a serviço da sociedade nacional ("o complicado universo do Yara") e tem que evitar a guerra, embora toda sua vida, iniciada numa aldeia indígena, já lhe tenha dito de que lado lutar. Neste momento, nas conversas à beira do rio, Apoena observa como a iminência da guerra ainda é pouco para destruir a harmonia que vive em cada um desses Surui.

Os homens da aldeia continuam casando e descasando. A terra que os posseiros querem invadir pertence a todos, sem sentimentos nem práticas de competição, lucro, sem roubo, nem exploração de um índio por outro. O Surui quer casar: oferece uma flecha, uma borduna ou um arco ao pai ou irmão da moça. Temos o dote. Uma semana depois, se não gostou do casamento, ele entra de novo na maloca do sogro, entrega a filha, recolhe seu presente, tudo continua na mesma harmonia.

Não existe prostituição, porque a economia da aldeia não impõe moral nenhuma. Nem os suruis adoram qualquer divindade. São uns vândalos, hereges, a teus, anticristos?

Não. O surui não sai pelo mato com a borduna na mão, a destruir indiscriminadamente. Não se destroem uns aos outros e seus rígidos princípios, sua ampla compreensão do universo mítico fazem com que o surui sempre obedeça suas leis, apenas sem a angústia da competição, a ansia do lucro, o terrível medo de não ser.

Porque o índio é. O dia inteiro, ele exerce sua plenitude. Ri de tudo, sempre, e não teme a morte. Quanto mais velho, mais ele se torna gracioso, alegre, amado, e considerado sábio.

Na última noite em que dormi neste Posto de Sete de Setembro, nas margens de um rio tranquilo, os suruis foram dormir quase à meia-noite, numa grande algazarra e alegria. Usando as mãos, eles me ensinavam as vozes de quase todos os pássaros e bichos da região — o canto do inhambu, o esturro da onça, e até o barulho das quedas das águas, nos trechos encachoeirados do rio.

Riam e se abraçavam comigo, como se nada lhes ameaçasse — não digo os valores, mas esta vida.